

CIDADE DE PELOTAS
INSTRUÇÕES GERAIS

- 1 - Este caderno de prova é constituído por 40 (quarenta) questões objetivas.
- 2 - A prova terá duração máxima de 04 (quatro) horas.
- 3 - Para cada questão, são apresentadas 04 (quatro) alternativas (a – b – c – d).
APENAS UMA delas responde de maneira correta ao enunciado.
- 4 - Após conferir os dados, contidos no campo Identificação do Candidato no Cartão de Resposta, assine no espaço indicado.
- 5 - Marque, com caneta esferográfica azul ou preta de ponta grossa, conforme exemplo abaixo, no Cartão de Resposta – único documento válido para correção eletrônica.


- 6 - Em hipótese alguma, haverá substituição do Cartão de Resposta.
- 7 - Não deixe nenhuma questão sem resposta.
- 8 - O preenchimento do Cartão de Resposta deverá ser feito dentro do tempo previsto para esta prova, ou seja, 04 (quatro) horas.
- 9 - Serão anuladas as questões que tiverem mais de uma alternativa marcada, emendas e/ou rasuras.
- 10 - O candidato só poderá retirar-se da sala de prova após transcorrida 01 (uma) hora do seu início.

BOA PROVA!

Para responder às questões de 1 a 3, considere o texto a seguir.

Médico debocha de paciente na internet: 'Não existe peumononia'

Médico e duas funcionárias foram afastados após postagem em rede social.

Guilherme Capel disse que não teve intenção de ofender e pediu desculpas.

Um médico plantonista no Hospital Santa Rosa de Lima, em Serra Negra (SP), foi afastado do trabalho após ter uma foto sua publicada numa rede social com o título "Uma imagem fala mais que mil palavras". Na foto, Guilherme Capel Pasqua mostra o receituário médico com o seguinte dizer: "Não existe peumononia e nem raôxis".

Durante a tarde, o médico enviou ao G1 um comunicado em que pede desculpas a todos que se ofenderam com a postagem.

Vinte minutos antes da postagem, na quarta-feira (27), o médico havia atendido o mecânico José Mauro de Oliveira Lima, 42 anos, que estudou até o segundo ano do ensino fundamental e não sabe como falar corretamente algumas palavras.

Seu enteado, o electricista Claudemir Thomaz Maciel da Silva, de 25 anos, o acompanhava na consulta e revela que, assim que souberam o diagnóstico, o mecânico perguntou sobre o tratamento para a "peumononia". A reação do médico não foi muito profissional, afirma Claudemir.

"Quando meu padrasto falou pneumonia e raios X de forma errada, ele deu risada. Na hora, não desconfiamos que ele iria debochar depois na internet. O que ele fez foi absurdo. O procurei e escrevi para ele na rede social que, independente dele ser doutor, não existe faculdade para formar caráter. Assim que ele viu minha postagem, apagou a foto. Ele não quis conversar com a gente", diz Claudemir.

O electricista conta que o padrasto ainda não sabe que virou assunto na internet e teme pela reação dele. Claudemir diz que o mecânico não pôde estudar por falta de dinheiro. [...]

Sindicância

Formado pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), o médico disse à EPTV que não teve intenção de ofender e pediu desculpas aos que falam peumononia ou raôxis. Ele acredita que é o contexto social que define as regras do português. [...]

VICTAL, Renata, para **Portal G1**. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/07/medico-debocha-de-paciente-na-internet-nao-existe-peumononia.html>. Acesso em: 18 ago. 2016.

1. Sobre o texto acima, é **INCORRETA** a seguinte afirmação:

- O texto cria uma representação do médico como membro de uma elite dominante do português culto e uma representação do mecânico, em que o falar "errado" é decorrente da origem social humilde e da falta de escolarização.
- O caso ilustra uma situação de preconceito linguístico, pois, ao posar para a foto com o dizer "Não existe peumononia nem raôxis" e divulgá-la pela internet, o médico transformou seu juízo negativo sobre a fala do mecânico numa atitude discriminatória.
- O médico desconsidera a heterogeneidade da língua em relação à comunidade falante, ao reconhecer, no último parágrafo do texto, a importância do contexto social.
- O desvio das normas gramaticais não é exclusividade de falantes com pouca instrução. Por exemplo, na notícia, a repórter não segue a regência padrão do verbo "atender".

2. Em relação às palavras 'pneumonia' e 'raios X', pronunciadas pelo mecânico como 'peleumonia' e 'raôxis', é correto afirmar que:
- A troca de fonemas no par 'pneumonia-peleumonia' é um caso de oposição, do ponto de vista fonológico.
 - A intercalação de um som vocálico entre dois consonantais em 'peleumonia' é um fenômeno raro no Português Brasileiro falado.
 - A supressão da semivogal em 'raôxis' é um processo de monotongação do ditongo decrescente.
 - A substituição da consoante [n] por [l] em 'peleumonia' é facilitada por ambas possuírem o mesmo modo de articulação.
3. Em outra notícia sobre o médico que zombou da maneira de falar de um paciente, foi transcrito o pedido de desculpas de Guilherme Capel:

Ao fim da mensagem, o pedido de desculpas: "Gostaria de deixar um pedido público de desculpas se alguém [...] se ofendeu com a postagem, que foi uma brincadeira de *Facebook*. E um último pedido: não me julguem sem apurar a verdade. É um pedido que eu faço ao Brasil".

Adaptado de VICTAL, Renata. Após foto médico pede desculpas e diz que foi uma brincadeira de facebook. **Portal G1**. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/07/apos-foto-medico-pede-desculpas-e-diz-foi-uma-brincadeira-de-facebook.html>. Acesso em: 18 ago. 2016.

Conforme informa Joana Plaza Pinto, no capítulo sobre Pragmática do segundo volume de *Introdução à Linguística* (MUSSALIM; BENTES, 2012), os "Estudos de Atos de Fala [...] concebem a linguagem como uma *atividade* construída pelos/as interlocutores/as, ou seja, é impossível discutir linguagem sem considerar o ato de linguagem, o ato de estar falando em si – a linguagem não é assim descrição do mundo, mas ação" (p. 66, grifo da autora).

Assim, sobre o enunciado do pedido de desculpas, da perspectiva da Teoria dos Atos de Fala, afirma-se que:

- é performativo, pois realiza a ação de desculpar-se.
- não permite atribuir-lhe valor de verdadeiro ou falso.
- não possui força ilocucionária.

Está (ão) correta (s) apenas a (s) afirmativa (s)

- I e II.
- I e III.
- II.
- III.

4. Morais (2001, p.19) afirma que “A ortografia funciona assim como um recurso capaz de cristalizar na escrita as diferentes maneiras de falar dos usuários de uma mesma língua. Escrevendo de forma unificada, podemos nos comunicar mais facilmente. E cada um continua tendo a liberdade de pronunciar o mesmo texto à sua maneira quando, por exemplo, o lê em voz alta.”

De acordo com o trecho dado, analise as afirmativas a seguir:

- I. A ortografia mantém a padronização da língua evitando, assim, que cada um registre seu modo próprio de falar quando escreve.
- II. A unificação da língua escrita, através das normas ortográficas, faz com que os falantes tenham menor liberdade ao ler um texto em voz alta.
- III. A padronização da língua, via ortografia, propicia que dois usuários da língua e distantes geograficamente possam se comunicar via escrita tranquilamente.

Estão corretas as afirmativas

- a) I e II, apenas.
 - b) I e III, apenas.
 - c) II e III, apenas.
 - d) I, II e III.
5. Leia o excerto seguinte, de Cunha e Cintra (2007, p.03), o qual apresenta lacunas que devem ser preenchidas:

“ Em princípio, uma língua apresenta, pelo menos, três tipos de diferenças internas, que podem ser mais ou menos profundas:

1º) diferenças no espaço geográfico ou _____(falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais);

2º) diferenças entre as camadas socioculturais, ou _____(nível culto, língua padrão, nível popular, etc.);

3º) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou _____(língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc.).

As expressões que completam corretamente as lacunas são:

- a) variações diafásicas - variações diastráticas - variações diatópicas
- b) variações diastráticas - variações diatópicas - variações diafásicas
- c) variações diatópicas - variações diafásicas - variações diastráticas
- d) variações diatópicas - variações diastráticas - variações diafásicas

Leia a tira de Calvin abaixo, para responder às questões 6 e 7.

O MELHOR DE CALVIN / Bill Watterson



Bill Watterson. O melhor de Calvin. *O Estado de S. Paulo*, 27 mar. 2001. p. D6.

6. Sobre as ocorrências do vocábulo "marca", é correto afirmar que:
- No primeiro balão, "marca" aparece preposicionado e exerce função sintática de adjunto adnominal, pois modifica e restringe o substantivo "roupa".
 - No segundo balão, "marca" é delimitado e modificado pela locução adjetiva "de roupa", que assume a função de adjunto adnominal.
 - Em nenhuma das ocorrências, o substantivo "marca" é núcleo do sintagma nominal.
 - Semanticamente, ambas as ocorrências do substantivo indicam apenas boa qualidade de roupa.
7. A partir de Platão e Fiorin (2007), o personagem Calvin é irônico em sua descrição da sociedade de consumo, porque
- exagera ao caracterizar o consumo de marcas famosas como a única forma moderna de expressar individualidade.
 - associa identidade ao consumo e, após, contradiz isso relacionando-a à ação de anunciar.
 - afirma que o consumidor paga para anunciar o produto, deixando subentendido que, pelo contrário, ele deveria ser remunerado por isso.
 - não distingue identidade de individualidade.

8. Leia o fragmento a seguir, retirado de uma crônica de Paulo Germano.

[...]

É triste que o velho mesmo, o velho clássico, o velho sábio que nos fazia baixar as orelhas e sentar de perna de índio em volta da cadeira, morra no momento em que mais precisamos dele – um momento em que “estamos nos afogando em informações mas famintos por sabedoria”, como disse o biólogo E. O. Wilson.

Quer dizer: temos acesso ao conhecimento como ninguém jamais teve, mas falta quem nos oriente. Falta quem nos situe nessa biblioteca de fragmentos, quem nos ajude a filtrar essa enxurrada de informações que mais atormenta do que educa. Falta quem nos ensine a lidar com essa nova vida – ou, em outras palavras, nos falta sabedoria. Que nada mais é do que saber empregar o conhecimento.

GERMANO, Paulo. Para que serve um velho. In: **Zero Hora**, 22 ago. 2016, p. 39.

Sobre o trecho, é **INCORRETO** afirmar que:

- a) No primeiro parágrafo, as adjetivações do substantivo “velho” veiculam o pressuposto de que há um novo tipo de idoso, que não é considerado depositário de conhecimento.
 - b) A citação do biólogo é um caso de intertextualidade implícita e, nela, ocorre quebra de paralelismo semântico ao empregar “famintos” em vez de “sedentos”.
 - c) O segundo parágrafo explora o paralelismo sintático como mecanismo de coesão sequencial.
 - d) No fim do segundo parágrafo, ocorre fragmentação sintática do período, mas isso não chega a comprometer a compreensão do texto.
9. No artigo “Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos”, Marcuschi apresenta algumas distinções entre Tipo textual e Gênero textual.

Sobre esse aspecto, de acordo com o autor, é correto afirmar que:

- a) O Tipo textual e o Gênero textual são práticas relacionadas exclusivamente à modalidade escrita.
- b) O Tipo textual e o Gênero textual têm existência empírica, expressas em designações diversas, constituindo conjuntos abertos.
- c) O Tipo textual tem definição de natureza linguística e o Gênero textual tem definição de natureza sociocomunicativa, com parâmetros essencialmente pragmáticos e discursivos.
- d) O Tipo textual abrange formas textuais estabilizadas, histórica e socialmente situadas e o Gênero textual compreende formas linguísticas não cristalizadas de práticas sociais.

10. Leia a tira a seguir, para responder à questão.



Zero Hora, 9 de agosto de 2016.

Sobre a tira, são feitas as seguintes afirmações de cunho semântico:

- I. A fala do primeiro quadrinho apresenta conteúdo pressuposto.
- II. A palavra estudantes é hiperônimo de gente.
- III. As construções restritivas do 2º e 3º quadrinhos envolvem conteúdos pressupostos.
- IV. O pronome que aparece no último quadrinho tem seu valor atribuído em decorrência de uma relação dêitica.

Estão corretas apenas as afirmativas

- a) I, II e III.
- b) I, II e IV.
- c) I, III e IV.
- d) II, III e IV.

11. Morais (2007, p.17) afirma que para dominar a escrita ortográfica “o sujeito necessitará ‘reproduzir as formas escritas autorizadas’, isto é, nunca estará liberado para construir o que quiser, praticar as variações que desejar.” Segundo ele, caso venha a fazê-lo de forma consciente, modificando intencionalmente os vocábulos da língua como escritores profissionais é porque desenvolveu um nível bastante consciente acerca das restrições da norma.

No trecho acima referido, especialmente nas partes destacadas, o autor trata, respectivamente, dos conceitos de

- a) norma ortográfica e de transgressão.
- b) norma ortográfica e de variação linguística.
- c) variação linguística e de transgressão.
- d) variação linguística e de norma ortográfica.

12. Koch e Travaglia (2004, p.79) explicam que a intencionalidade irá referir-se "(...) ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados."

Com respeito a tal conceito, é **INCORRETO** afirmar que é, por esse motivo, que

- a) o emissor, sob pena de tornar-se prolixo, mobiliza vários fatores de textualidade.
- b) o emissor dá ao receptor pistas que lhe permitam construir o sentido desejado.
- c) o emissor procura, de modo geral, construir seu texto de modo coerente.
- d) o emissor, dependendo do tipo de texto produzido, utiliza-se dos mecanismos de coesão.

13. Observe o seguinte trecho extraído de um bate-papo virtual entre dois jovens amigos.

<Tom> viu gigante de aço?

<João> nops

<Tom> go ver?

<João> tenho 5 reais xD

<Tom> to c 2 ingressos de graça

<João> opa

Extraído de SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tania G. **Conclusão: De volta para o futuro.** In: _____ (orgs.). *Linguística da internet*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 266.

Conforme afirma Marcuschi (2008), retomando o linguista americano David Crystal (2001), a internet representa "uma revolução dos modos sociais de interagir linguisticamente" (p. 199).

São característicos dessa revolução, e podem ser identificados no fragmento de bate-papo citado, **EXCETO**:

- a) O emprego de *emoticons* – elementos não verbais que podem ser construídos através combinações de toques de teclado como em xD –, cujo significado pode ser redefinido pelo contexto conversacional.
- b) A ruptura de uma noção dicotômica de fala e escrita, já que as mensagens trocadas fazem uso do código escrito, mas incorporam traços da conversa espontânea, como a alternância de turnos entre os interagentes.
- c) A utilização de abreviaturas e desprezo pelo emprego de maiúsculas preconizado pela Gramática Normativa, com o intuito de garantir concisão e agilidade na troca de mensagens.
- d) A participação de um número ilimitado de interlocutores, cujas possibilidades de interação independem dos recursos do ambiente computacional em que se realiza a comunicação.

Leia o texto a seguir, para responder às questões 14 e 15.

-
**PRATOS PRONTOS
SADIA.**
DELICIOSAMENTE SAUDÁVEIS.
-

Sabor **100% Caseira**
Congelado após Preparo
SEM CONSERVANTES

Menu

Segunda-feira
Stroganoff, arroz e
batata palha

Terça-feira
Torta de frango com
massa de iogurte

Quarta-feira
Frango à parmegiana,
arroz e batata palha

Quinta-feira
Escondidinho
de frango

Sexta-feira
Frango à milanesa

S
Sadia

sadia.com.br/pratosprontos

Revista Veja, 16 de março de 2015.

14. No que tange à coerência do texto Menu, é correto afirmar que a unidade de sentido se dá

- pelo título, o qual funciona como ideia unificadora.
- pela ativação de um *frame*, através das palavras do texto.
- pela sequência sintática das partes que compõem o todo do texto.
- pelos dias da semana, os quais estabelecem uma sequência temporal.

15. No que diz respeito a gênero textual, são feitas as seguintes afirmações.

- I. A propaganda e o menu são gêneros textuais diferentes, porque representam domínios de formas linguísticas pelos interlocutores.
- II. O fato de considerar a propaganda e o menu como gêneros textuais implica considerá-los como formas culturais e cognitivas, com restrições, padronizações e regularidades, e não como entidades dinâmicas.
- III. O menu está inserido na propaganda com o objetivo de estimular o consumo dos produtos da marca Sadia, ou seja, há um gênero exercendo a função de outro, o que recebe o nome de intergenericidade.

Está (ão) correta (s) apenas a (s) afirmação (ões)

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II.
- d) III.

16. Ao trabalhar com produção textual, uma professora identificou dois segmentos de texto que apresentavam vocábulos não dicionarizados. Vejam-se:

... porque era preciso desdar o nó.

... os infelizardos não tinham...

Ele não teve tempo de coisar...

A professora, embora reconhecendo que tais palavras não fazem parte da língua, entendeu o processo morfológico que levou os alunos a realizarem tais construções, mostrando a eles as operações que realizaram.

Sobre as construções destacadas nos trechos das redações, quanto ao processo de formação de palavras, é correto afirmar que:

- a) As duas primeiras ocorrências são formadas por prefixação; e a terceira, por sufixação.
- b) A primeira ocorrência é formada por prefixação; a segunda, por parassíntese e a terceira, por derivação imprópria.
- c) A primeira e a terceira ocorrências são formadas por derivação imprópria; e a segunda, por prefixação.
- d) Todas as ocorrências são formadas por derivação imprópria.

17.No livro “Nada na língua é por acaso”, Bagno aborda a questão da “reeducação sociolinguística”, a qual significa trabalhar na escola a formação de cidadãos e cidadãs conscientes da complexidade que se estende da dinâmica social ao uso da língua, o que é perpassado por uma escala de valores.

Dentre alguns aspectos atinentes ao trabalho da reeducação sociolinguística, que deve ser realizado pelo professor ou professora, só **NÃO** corresponde

- a) fazer o/a aluno/a reconhecer que é possuidor/a de plenas capacidades de expressão, de comunicação, isto é, possuidor/a de uma língua plena e funcional, de uma língua que é instrumento eficaz de interação social e de autoconhecimento individual.
- b) conscientizar o/a aluno/a de que a língua é usada como elemento de promoção social e também de repressão e discriminação, desconstruindo o preconceito linguístico, alertando inclusive os/as alunos/as sobre suas próprias práticas de discriminação por meio da linguagem.
- c) garantir o acesso dos alunos e das alunas a outras formas de falar e de escrever, permitindo que aprendam e apreendam variantes linguísticas diferentes das que eles/elas já dominam, ampliando o repertório comunicativo.
- d) levar o/a aluno/a a tomar consciência da escala de valores que existe na sociedade com relação aos usos da língua, mas sem aceitar situações de discriminação ou submeter-se a elas, embora, para conquistar a promoção social, necessite dominar a variante culta.

18.Dentre os aspectos ortográficos trabalhados em sala de aula, está o emprego de o/u e e/i, pois não raro os professores se deparam, com casos como estes: ingredienti (ingrediente), longu (longo), mixirica (mexerica) e butição (botijão). Essas ocorrências registradas na escrita são reproduções da pronúncia.

Sobre tal fato, é **INCORRETO** afirmar que as

- a) quatro ocorrências representam variações de motivação fonológica.
- b) quatro ocorrências podem ser exemplo de variação diatópica.
- c) quatro ocorrências são exemplos de harmonização vocálica do lel e do lol.
- d) duas primeiras ocorrências são exemplos de neutralização do lel e do lol e as segundas são exemplos de harmonização vocálica do lel e do lol.

19.Análise os exemplos retirados de Platão e Fiorin (2007, p.122-123), para responder à questão.

- I. “O interior de São Paulo está coberto por doces mares, donde se extrai o açúcar”.
- II. “Se o desmatamento de nosso território continuar nesse ritmo, em breve não restará uma sombra de pé”.

Neles, são usados, respectivamente, dois mecanismos básicos de alteração do sentido das palavras, chamados de:

- a) metáfora e metonímia.
- b) metonímia e metáfora.
- c) metáfora e paralelismo.
- d) metonímia e paralelismo.

20. Considere as afirmações abaixo, de Platão e Fiorin (2007, p.220-222), sobre a norma linguística e argumentação, e assinale verdadeiro (V) ou falso (F) para cada uma delas.

- () O uso de um certo padrão de linguagem concorre para que se aumente ou se diminua o poder de persuasão daquele que fala.
- () A utilização de uma linguagem cerimoniosa sempre garante resultados favoráveis para a argumentação.
- () A situação concreta de comunicação é que irá determinar a forma de linguagem mais ou menos eficiente.
- () O desconhecimento da variante padrão da língua gera problemas no momento de produzir textos, mas não de compreendê-los.

A sequência correta, de cima para baixo, é

- a) V - V - F - F.
- b) F - V - F - V.
- c) F - F - V - V.
- d) V - F - V - F.

21. Considere o trecho a seguir, retirado de Bagno (1999, p.24-26) sobre a Mitologia do Preconceito Linguístico, relativamente ao Mito nº 2.

“Na língua falada, as diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil são tão grandes que muitas vezes surgem dificuldades de compreensão: no vocabulário, nas construções sintáticas, no uso de certas expressões, sem mencionar, é claro, as tremendas diferenças de pronúncia - no português de Portugal existem vogais e consoantes que nossos ouvidos brasileiros costumam a reconhecer porque não fazem parte de nosso sistema fonético”.

O autor em questão enumera, na sequência desse texto, algumas diferenças na fala entre o português do Brasil (PB) e o português de Portugal (PP).

Não é uma diferença entre o PB e o PP elencada por Bagno (1999, p.24-25),

- a) a existência de vogais e consoantes que nossos ouvidos brasileiros possuem dificuldades de reconhecer.
- b) a formação de adjetivos por prefixação no PB e a quase inexistência desses tipos de adjetivos no PP.
- c) o uso dos pronomes o/a em construções como: eu o vi, eu a vi que estão praticamente extintos no PB e em uso no PP.
- d) a leitura em voz alta de um mesmo texto realizada por um português e por um brasileiro.

22. Considere a seguinte análise de Platão e Fiorin (2007) sobre a Argumentação:

“Um dos aspectos importantes a considerar quando se lê um texto é que, em princípio, quem o produz está interessado em _____ o leitor de alguma coisa. Todo texto tem, por trás de si, um produtor que procura _____ o seu leitor (ou leitores), usando para tanto vários recursos de natureza lógica e linguística. Chamamos _____ a todos os recursos acionados pelo produtor do texto com vistas a levar o leitor a *crer* naquilo que o texto diz e *fazer* aquilo que ele propõe.”

(FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação.** 17. ed. São Paulo: Ática, 2007. p.173)

Os termos que completam, correta e respectivamente, as lacunas, segundo o excerto retirado de Platão e Fiorin (2007, p.173), são:

- a) informar - esclarecer - argumentos de autoridade
- b) expor - informar - procedimentos argumentativos
- c) persuadir - esclarecer - argumentos de autoridade
- d) convencer - persuadir - procedimentos argumentativos

23. É **INCORRETO** afirmar que, nas “Orientações educacionais complementares aos PCNEM”, para a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias,

- a) a linguagem é definida como “capacidade humana de articular significados coletivos” e compartilhá-los “em sistemas arbitrários de representação”, o que remete às concepções saussurianas de linguagem e língua.
- b) a noção de gramática é restrita aos limites da linguagem verbal, sendo apreendida como um conhecimento sobre a estrutura e o funcionamento de uma língua.
- c) gêneros textuais são compreendidos como realizações textuais que variam conforme a abordagem temática, a estrutura composicional e o estilo do autor, sendo bem diferenciados dos tipos textuais.
- d) conceitos linguísticos são considerados construídos historicamente e, portanto, para aprendê-los, a contextualização sociocultural é necessária de modo a garantir a sua memorização e reprodução por parte do aluno.

24. [...] Nós vivemos – este é o traço mais importante de nosso tempo – numa atmosfera de vanguarda e temos um pouco a ideia de que a literatura só tem sentido quando for de vanguarda. Isto é ao mesmo tempo uma contingência do nosso tempo e um grave perigo para a literatura, porque se ela não for de vanguarda não subsiste no nosso tempo, e se não deixar de ser de vanguarda ela não constrói. A vanguarda, por definição, é algo provisório, e em nosso tempo, não só no Brasil como no mundo, há uma tendência para transformar o provisório em permanente. [...] Já estamos na fase da vanguarda devorada pela vanguarda. Então essa tendência, que eu diria ser ao mesmo tempo glória e pena da literatura de nosso tempo – não estou censurando ou louvando, mas apenas constatando -, manifesta-se na literatura do nosso tempo por algumas características que procurarei destacar [...].

(CANDIDO, Antonio. **Vanguarda: renovar ou permanecer.** In *Textos de Intervenção*. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2002)

Dentre as características da literatura de vanguarda, destacadas por Antonio Candido na intervenção apresentada no I Ciclo de Debates da Cultura Contemporânea, sob o título de “Vanguarda: renovar ou permanecer”, em 19 de maio de 1975, no Teatro Casa Grande, no Rio de Janeiro, **NÃO** se encontra

- a) a substituição da metáfora pela paranomásia.
- b) a busca de uma ordem espaço-temporal linear.
- c) a supressão ou ocultamento dos nexos sintáticos.
- d) o cultivo intensivo da ambiguidade natural do discurso.

25. “Que importa quem fala? Nessa diferença se afirma o princípio ético, talvez o mais fundamental, da escrita contemporânea. O apagamento do autor tornou-se desde então, para a crítica, um tema cotidiano”.

(FOUCAULT, Michel. **O que é um Autor?**. In *Estética: literatura e pintura, música e cinema*/Michel Foucault. São Paulo: Editora Forense Universitária, 2009)

Para Michel Foucault, o essencial não é constatar mais uma vez o desaparecimento do autor, mas descobrir os locais onde sua função é exercida.

Dentre esses locais, ele **NÃO** menciona

- a) o nome da obra.
- b) o nome do autor.
- c) a posição do autor.
- d) a relação de atribuição.

26. "Deixarei de lado, pelo menos na conferência desta noite, a análise histórico-sociológica do personagem do autor. Como o autor se individualizou em uma cultura como a nossa, que estatuto lhe foi dado, a partir de que momento, por exemplo, pôs-se a fazer pesquisas de autenticidade (...), em que sistema de valorização o autor foi acolhido, em que momento começou-se a contar a vida não mais dos heróis, mas dos autores, como se instaurou essa categoria fundamental da crítica 'o homem-e-a-obra', tudo isso certamente mereceria ser analisado".

(FOUCAULT, Michel. **O que é um Autor?**. In *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. São Paulo: Editora Forense Universitária, 2009)

Sobre a relação do texto com o autor, Michel Foucault afirma que, pelo menos aparentemente, a maneira com que o texto aponta para o autor é

- a) interna e posterior.
- b) exterior e anterior.
- c) intrínseca e anterior.
- d) inerente e posterior.

Leia o texto 1 e o texto 2, para responder à questão 27

Texto 1

REMISSÃO

Tua memória, pasto de poesia,
tua poesia, pasto dos vulgares,
vão se engastando numa coisa fria
a que tu chamas: vida, e seus pesares.

Mas, pesares de quê? perguntaria,
se esse travo de angústia nos cantares,
se o que dorme na base da elegia
vai correndo e secando pelos ares,

a nada resta, mesmo, do que escreves
e te forçou ao exílio das palavras,
senão contentamento de escrever,

enquanto o tempo, e suas formas breves
ou longas, que sutil interpretavas,
se evapora no fundo de teu ser?

(ANDRADE, Carlos Drummond de. **Claro enigma**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007)

Texto 2

"O escritor não escreve senão – já preso nos laços ou na rede da literatura, como acontece desde a plataforma de lançamento de Montaigne – para o seu *outro*. Ainda que através da imprensa especializada, das editoras e coleções de literatura, a que se ligam, aliás, as pequenas chances de *profissionalização* da área. Podendo passar dessa alteridade já frágil para a intransitividade – ou erótica escritural sublimante, se quisermos dar sentido psicológico profundo a essa tendência à solidão – a que muitos acabarão se referindo, modernidade adentro, de resto".

(MOTTA, Leda Tenório da. **A literatura, o público e o gosto médio**. In *Sobre a crítica literária brasileira no último meio século*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 2002)

27.A leitura dos textos 1 e 2 indica entre eles uma relação de

- a) oposição.
- b) alteridade.
- c) independência.
- d) complementaridade.

28.“A ‘Sociedade Partenon Literário’, fundada em 18 de junho de 1868, em Pôrto Alegre [sic], surgiu no ano da Batalha do Humaitá. O ambiente social e político media-se por fatôres [sic] conjugados de inquietação: a guerra do Paraguai, ainda em desenvolvimento; a tensão de espírito prenunciadora do manifesto republicano de 1870, e o recrudescimento da propaganda abolicionista. No campo das artes e das letras, não era menor a inquietação. O romantismo, no resto do Brasil, ia já em declínio, mas só então conquistou verdadeiramente o Sul, revelando, de resto, grande ímpeto e combatividade”.

(CESAR, Guilhermino. **História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)**. Porto Alegre: Editora Globo, 1956)

Dentre as considerações de Guilhermino Cesar sobre a Sociedade Partenon Literário, na obra citada, identifica-se como verdadeira:

- a) a sociedade limitou-se a estimular as atividades literárias.
- b) a região colonial, por seu passado romântico, despertou profundo interesse nessa geração.
- c) os homens de letras rio-grandenses deram um passo adiante na valorização da linguagem coloquial.
- d) a nova corrente, através de seus primeiros cultores, não se deixou atrair, acima de tudo, pelo passado gaúcho.

Leia os textos 3 e 4 para responder às questões 29 e 30.

Texto 3

“Waly Salomão, ‘se não chegou a se tornar tudo, foi muitas coisas’, pontua Paulo Leminski em texto ao final deste volume. Atuando como poeta, ensaísta, letrista, articulador cultural, diretor de espetáculos, artista visual e homem público, Waly sempre encadeou sua produção literária com as diversas manifestações culturais que surgiam no Brasil entre as décadas de 1970 e 2000.

Desde “Me segura qu’eu vou dar um troço” (1972), seu livro de estreia, iniciado durante um episódio de confinamento no Carandiru, sua obra transmite um forte anseio pela liberdade, subvertendo qualquer rigidez de gêneros ainda vigente.

Em “Gigolô de bibelôs” (1983), seu segundo livro, o seguinte verso ecoa: ‘Tenho fome de me tornar um tudo o que não sou’; e ao fim do mesmo livro: ‘Minha sede não é qualquer copo d’água que mata’. Faminto e sedento, Waly busca abolir fronteiras e confrontar-se com os limites – entre o eu e o outro, entre a poesia e a lírica, entre a arte e a vida.

Seus versos continuaram reinventando ao longo dos anos 1990 e 2000, e livros como “Algaravias” (1996) consolidaram seu papel de expoente na vanguarda brasileira e experimentador máximo da linguagem”.

(SALOMÃO, Waly. **Poesia total**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. *orelha da capa)

Texto 4

ESCRITA – A inovação revolucionária, implícita na ideia de vanguarda, pode ser induzida artificialmente ou é resultante de um longo processo de maturação social?

ANTONIO CANDIDO – Em princípio, uma pseudovanguarda pode ser artificialmente montada, sem razão-de-ser profunda. Quanto às outras, nos termos propostos acima, há uma escolha deliberada, mas esta é suscitada por estímulos que favorecem e mesmo solicitam a atitude de renovação radical e constante. Esta é um traço do nosso tempo, e portanto resulta também de condições sociais. Eu diria que a literatura não pode nem deve ser apenas vanguarda; mas que as vanguardas têm sido o sal do nosso tempo.

(CANDIDO, Antonio. **Vanguarda: renovar ou permanecer**. In *Textos de Intervenção*. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2002 - *Este trecho é transcrição parcial da entrevista "Antonio Candido e os condenados à vanguarda", publicada na revista *Escrita*, número 2, ano I, São Paulo, 1975)

29.Relacionando os textos 3 e 4 e considerando a posição de Antonio Candido em relação à vanguarda literária brasileira, pode-se atribuir ao crítico a seguinte afirmativa

- a) Trata-se de lixeratura (...) é feita com sucata cultural.
- b) Essa tendência à fragmentação descaracteriza a vanguarda como um fenômeno pós-romântico.
- c) Vanguarda é opção consciente no sentido de renovar as artes ou a literatura de modo radical e constante, e não renovar para permanecer.
- d) A mudança social e técnica é tão acelerada, muda tanto a fisionomia das sociedades, mas as formas literárias e artísticas não se desgastam tão rapidamente.

30.Na obra "Formação da Literatura Brasileira", 1º volume, Antonio Candido afirma, na Introdução, que procura estudar a formação da literatura brasileira como síntese de tendências universalistas e particularistas. Prossegue dizendo que para compreender em que sentido é tomada a palavra formação convém principiar estabelecendo a distinção entre manifestações literárias e literatura propriamente dita. Para que se reconheça literatura é preciso considerá-la como um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem identificar as notas dominantes de uma fase.

Dentre esses denominadores comuns, ele **NÃO** destaca

- a) a descontinuidade da tradição.
- b) um mecanismo transmissor, que liga uns a outros.
- c) a existência de um conjunto de produtores literários.
- d) um conjunto de receptores, formando diferentes tipos de público.

31. “Material dos mais preciosos para um acompanhamento da movimentação dos nossos críticos na ‘periferia’, ou pelo menos na maior cidade deste quintal que seria o Brasil, como diriam uns, porque mobilizam diferentes ‘funções’ da linguagem, como diriam outros, são elas *Clima* e *Noigandres*. Dois periódicos de vida relativamente breve, hoje raridades nas bibliotecas e nas coleções particulares, antes de passarem a sinalizar aqui duas correntes críticas prestigiosas, uma histórico-evolutiva, sensível à ideia de ‘formação’, a outra apoiada numa ‘história sincrônica’, ou num ‘tempo longo’ (como prefeririam os historiadores da vida privada), avessa à questão das origens primeiras, embora não à da originalidade.”

(MOTTA, Leda Tenório da. **Quando é “pós-tudo”?**. In *Sobre a crítica literária brasileira no último meio século*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 2002)

Considere as seguintes afirmativas:

- I. A revista “Clima” foi lançada em São Paulo, em maio de 1941, e reunia um grupo de rapazes de enorme pendor para a crítica e interesses dos mais diferenciados – teatro, cinema, música, literatura, sociologia, ciências, economia e direito, dentre eles o jovem Afrânio Coutinho. O fim e o programa da revista era criar aqui, e irradiar daqui, da cidade que já não era mais uma província, desde os tempos dos velhos modernistas de 1922, um clima de interesse e de ventilação intelectual.
- II. Muito perto de tudo isso no tempo, já a entrada em cena do grupo ligado à revista “Noigandres” – que se lança sem respaldo empresarial nem base universitária, em editora própria, e cujo jornal de acolhida, graças à intermediação de Mario Faustino, outro forasteiro, será o Suplemento do “Jornal do Brasil”, em outra cidade – dá-se a partir de 1950. Ano em que Haroldo de Campos e Décio Pignatari estréiam em livro, numa coleção dos então chamados “Novíssimos”, sob a chancela do Clube de Poesia, domínio editorial da Geração de 45, a que Augusto de Campos já terá escapado, um ano depois, quando saiu seu “O rei menos o reino”.
- III. Embora o evidente antagonismo entre as duas prestigiosas correntes críticas, identifica-se uma posição convergente, a qual aponta para um problema insistente na historiografia literária brasileira: o acerto da origem enquanto origem primeira. Esse problema foi amplamente investigado por Haroldo de Campos, num pequeno volume publicado nos anos 90, intitulado “O Seqüestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira: o caso Gregório de Mattos”, dedicado, em seu ponto mais alto, ao estudo do poeta Gregório de Mattos.

Está (ão) correta (s) apenas a (s) afirmativa (s)

- a) I.
- b) II.
- c) I e III.
- d) II e III.

32.“Lobo da Costa encarnou a boêmia literária no mais alto grau da neurose romântica e do abandono de si mesmo. Se a vida não lhe houvesse dado, desde a juventude, boa cópia de amargores, ele os teria criado, com o sentimento bovarista de que foi pródigo. Andejo como Villon, ressentido como Lord Byron, sentimental como Lamartine, pertenceu-lhes à família, talvez inconscientemente, porque a sua escassa cultura não lhe dava poderes para forçar o parentesco.”

(CESAR, Guilhermino. **História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)**. Porto Alegre: Editora Globo, 1956)

Dentre as características da poesia de Lobo da Costa, apontadas por Guilhermino Cesar, **NÃO** se encontra

- a) o senso musical.
- b) a exuberante imaginação criadora.
- c) a forma espontânea, às vezes muito descuidada.
- d) o escasso poder de comunicação e encantamento.

Leia o excerto a seguir, para resolução da questão 33.

Um olhar, ainda que rápido, para esse conjunto mostra que deviam separar-se cada vez mais os pólos da vida pública nacional: de um lado, arranjos políticos manejados pelas oligarquias rurais; de outro, os novos estratos socioeconômicos que o poder oficial não representava.

Do quadro emergem ideologias em conflito: o tradicionalismo agrário ajusta-se mal à mente inquieta dos centros urbanos, permeável aos influxos europeus e norte-americanos na sua faixa burguesa, e rica de fermentos radicais nas suas camadas média e operária. No limite, a situação comportava: a) uma visão do mundo estática quando não saudosista; b) uma ideologia liberal com traços anarcóides; c) um complexo mental pequeno-burguês, de classe média, oscilante entre o puro ressentimento e o reformismo; d) uma atitude revolucionária.

(BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2002.)

33.O fragmento acima revela parte do contexto sócio-político-cultural dos movimentos estéticos literários denominados como:

- a) Realismo e Naturalismo.
- b) Parnasianismo e Simbolismo.
- c) Pré-Modernismo e Modernismo.
- d) Modernismo e Pós-Modernismo.

Leia o poema abaixo, para resolução da questão 34.

Testamento

O que não tenho e desejo
É o que melhor me enriquece.
Tive uns dinheiros - perdi-os...
Tive amores - esqueci-os.
Mas no maior desespero
Rezei: ganhei essa prece.

Vi terras de minha terra.
Por outras terras andei.
Mas o que ficou marcado
No meu olhar fatigado,
Foram terras que inventei.

Gosto muito de crianças:
Não tive um filho de meu.
Um filho!... Não foi de jeito...
Mas trago dentro do peito
Meu filho que não nasceu.

Criou-me, desde menino,
Para arquiteto meu pai.
Foi-se-me um dia a saúde...
Fiz-me arquiteto? Não pude!
Sou poeta menor, perdoai!

Não faço versos de guerra,
Não faço porque não sei.
Mas num torpedo-suicida
Darei de bom grado a vida
Na luta em que não lutei.

- 34.** Considerando algumas características biográficas e temáticas, identificam-se que os versos acima são de autoria do poeta,
- Mário Quintana, pois tratam com simplicidade o cotidiano, elencando as escolhas e oportunidades perdidas pelo poeta ao longo dos anos, e, sobretudo, tratam da temática da morte.
 - Carlos Drummond de Andrade, pois aludem à solidão escolhida pelo poeta para que se dedicasse às coisas simples da vida, à escolha da profissão escolhida pelo pai e a temática da morte.
 - Manuel Bandeira, pois fazem alusão, respectivamente: à vida solitária, à ausência de prole, à impossibilidade de ter se tornado arquiteto e ao não uso de temas bélicos, apesar de tratar constantemente da temática da morte.
 - Murilo Mendes, pois revelam a frustração de não ter conseguido executar seus planos para a vida adulta, à referência ao filho morto precocemente, o que contribui para a constante presença da morte em seus poemas.

35. Considerando a análise de Alfredo Bosi acerca do romance brasileiro moderno, segundo o grau crescente de tensão entre o herói e seu mundo, leia as afirmativas e, posteriormente, associe o conceito ao seu excerto correspondente.

1. Tensão mínima. Há conflito, mas este se configura em termos de oposição verbal, sentimental quando muito: as personagens não se destacam visceralmente da estrutura e da paisagem que as condicionam.

2. Tensão crítica. O herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social formulando ideologias explícitas ou implícitas acerca de seu mal estar permanente.

3. Tensão interiorizada. O herói não se dispõe a enfrentar a antinomia eu/mundo pela ação, evadindo-se e subjetivando o conflito.

4. Tensão transfigurada. O herói busca ultrapassar o conflito que o constitui existencialmente pela transmutação mítica ou metafísica da realidade.

(BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2002.)

A - (...) - Este negro está aqui?

- É, está me fazendo companhia.

- Como é que se tem um negro deste dentro de casa, meu compadre? É mesmo que morar com um porco.

- O pobre tem me ajudado muito. Sinhá me abandonou aqui sozinho, e se não fosse ele, nem sei como me aguentava.

- Compadre, eu não quero lhe dizer coisa nenhuma. Mas mulher só anda mesmo no chicote. Isto de tratar mulher a vela de libra, não é comigo. A minha me adivinha os pensamentos.

- É preciso ter paciência, é preciso ter calma.

- Que calma. Comigo é no duro. (...)

(REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961, p.436-437).

B - Até hoje permanece certa confusão em torno da morte de Quincas Berro Dágua. Dúvidas por explicar, detalhes absurdos, contradições no depoimento das testemunhas, lacunas diversas. Não há clareza sobre hora, local e frase derradeira. A família, apoiada por vizinhos e conhecidos, mantém-se intransigente na versão da tranquila morte matinal, sem testemunhas, sem aparato, sem frase, acontecida quase vinte horas antes daquela outra propalada e comentada morte na agonia da noite, quando a lua se desfez sobre o mar e aconteceram mistérios na orla do cais da Bahia.(...)

(AMADO, Jorge. **A morte e a morte de Quincas Berro Dágua**. Rio de Janeiro: Record, 1997, p.1).

C - A noite era uma possibilidade excepcional. Em plena noite fechada de um verão escaldante um galo soltou seu grito fora de hora e uma só vez para alertar o início da subida pela montanha. A multidão embaixo aguardava em silêncio. Ele-ela já estava presente no alto da montanha, e ela estava personalizada no ele e o ele estava personalizado no ela. A mistura andrógina criava um ser tão terrivelmente belo, tão horrorosamente estupefaciente que os participantes não poderiam olhá-lo de uma só vez: assim como uma pessoa vai pouco a pouco se habituando ao escuro e aos poucos enxergando.

(LISPECTOR, Clarice. **Onde estivestes de noite**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.43).

D - Vou contar tudo, prometo que contarei tudo, porque é preciso que alguém saiba como foi. Nem sei por onde começar, estou atordoada e neste instante tenho é vontade de dormir, dormir e só acordar depois que isto tiver passado. Mas antes quero que alguém ouça: enquanto eu estiver contando, talvez explique a mim mesma uma porção de coisas que ainda não entendo, talvez chegue a conclusões que deem um pouco mais de sossego a meu coração.(...)

(TELLES, Lygia Fagundes. **Os Mortos**. In *O cacto vermelho*. São Paulo: Editora Brasileira, 1949, p.9).

A correspondência correta entre conceitos e excertos é:

- a) 1B - 2A - 3D - 4C.
- b) 1A - 2C - 3B - 4D.
- c) 1C - 2D - 3A - 4B.
- d) 1D - 2B - 3C - 4A.

36. Para Samira Mesquita (2006, p. 25-26), o herói romântico é aquele que sempre buscava o reequilíbrio do enredo, já o anti-herói, popularizado no Realismo e no Modernismo, é um protagonista que não consegue recuperar a ordem perdida.

O exemplo de anti-herói que reconheceu a degradação do mundo à sua volta, mas não desejou mudar nada, mantendo uma postura cética e irônica é

- a) Paulo Honório, em **São Bernardo**, de Graciliano Ramos.
- b) Rodrigo Cambará, em **O Tempo e o Vento**, de Erico Verissimo.
- c) Brás Cubas, em **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis.
- d) Leonardo, em **Memórias de um sargento de milícias**, de Manuel Antônio de Almeida.

Leia a letra da canção abaixo:

Mariana foi pro mar

Mariana foi pro mar
Deixou seus bens mais valiosos com o cachorro
E foi viajar, foi de coração
Pois o marido saiu pra comprar cigarros e desapareceu
Foi visto no Japão, com a vizinha, sua ex-melhor amiga
Mariana foi ao chão
E ela pensou por muitas vezes
Se usava sua mauser ou o gás de seu fogão
Mas seu último direito, ela viu que era um erro
Mariana foi pro mar
Mariana se cansou
Olhou o que restava de sua vida, sem direito a pensão
Sem um puto pra gastar, sempre foi moça mimada
Mas tinha em si a vocação do lar
E foi numa tarde de domingo que ganhou tudo no bingo
Sorte no jogo azar no amor
E sua bagagem estava pronta, parecia que sabia
Do seu prêmio de consolação
Mudou o itinerário, trocou o funerário
Pelo atraso do avião
Uma lágrima de sal, percorre o seu rosto
misturando-se ao creme facial
Onde foi que ela errou, se acreditava na sinceridade
De sua vida conjugal
E se ela pensava muitas vezes
Se usava uma pistola ou o gás do seu fogão
Mas ela mudou o itinerário, trocou o obituário
Pelo atraso do avião
Hoje ela desfila pela areia
Com total desprezo pelos machos de plantão
Ela está bem diferente, ama ser independente
Mariana foi pro mar

Edgar Scandurra

Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/ira/mariana-foi-pro-mar.html>>.
Acesso em: 16 set. 2016.

37.A letra da canção escrita por Edgar Scandurra apresenta uma visão do papel da mulher contemporânea que mescla ironia, humor e mazelas pessoais/sociais, assim como os versos de

a) Drumondianas
e agora Maria?
o amor acabou
a filha casou
o filho mudou
teu homem foi pra vida
que tudo cria
a fantasia

que você sonhou
apagou
à luz do dia
e agora Maria?
vai com as outras
vai viver
com a hipocondria.

(Alice Ruiz, **Navalhanaliga**)

b) Esqueceria outros
pelo menos três ou quatro rostos que amei
Num delírio de arquivística
Organizei a memória em alfabetos
Como quem conta carneiros e amansa
No entanto flanco aberto não esqueço
E amo em ti, os outros rostos.

(Ana Cristina César, **Inéditos e Dispersos**)

c) Aninha e suas pedras
Não te deixes destruir
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que não de vir.
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.

(Cora Coralina, **Vinténs de cobre**)

d) Com licença poética
Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e

ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.
(Adélia Prado, **Bagagem.**)

Analise os poemas 1 e 2, para resolução das questões 38 e 39

Poema 1

O Laço de fita

Não sabes, criança? 'Stou louco de amores...
Prendi meus afetos, formosa Pepita.
Mas onde? No templo, no espaço, nas névoas?!
Não rias, prendi-me
Num laço de fita.

Na selva sombria de tuas madeixas,
Nos negros cabelos da moça bonita,
Fingindo a serpente qu'enlaça a folhagem,
Formoso enroscava-se
O laço de fita.

Meu ser, que voava nas luzes da festa,
Qual pássaro bravo, que os ares agita,
Eu vi de repente cativo, submisso
Rolar prisioneiro
Num laço de fita.

E agora enleada na tênue cadeia
Debalde minh'alma se embate, se irrita...
O braço, que rompe cadeias de ferro,
Não quebra teus elos,
Ó laço de fita!

Meu Deus! As falenas têm asas de opala,
Os astros se libram na plaga infinita.
Os anjos repousam nas penas brilhantes...
Mas tu... tens por asas
Um laço de fita.

Há pouco voavas na célere valsa,
Na valsa que anseia, que estua e palpita.
Por que é que tremeste? Não eram meus lábios...
Beijava-te apenas...
Teu laço de fita.

Mas ai! findo o baile, despindo os adornos
N'alcova onde a vela ciosa... crepita,
Talvez da cadeia libertes as tranças
Mas eu... fico preso
No laço de fita.

Pois bem! Quando um dia na sombra do vale
Abrirem-me a cova... formosa Pepita!
Ao menos arranca meus louros da frente,
E dá-me por c'roa...
Teu laço de fita.

Poema 2

Namorados

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:

-Antônia, ainda não me acostumei com o seu corpo, com sua cara.

A moça olhou de lado e esperou.

-Você não sabe quando a gente é criança e de repente vê uma lagarta listrada?

A moça se lembrava:

-A gente fica olhando...

A meninice brincou de novo nos olhos dela.

O rapaz prosseguiu com muita doçura:

-Antônia, você parece uma lagarta listrada.

A moça arregalou os olhos, fez exclamações.

O rapaz concluiu:

-Antônia, você é engraçada! Você parece louca.

BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem & Estrela da manhã**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

38. Ao analisar as questões estruturais que compõem os dois poemas, encontramos no poema 1: 8 _____, com versos _____ e o esquema de rimas é _____; já o poema 2, possui 12 versos _____ com métrica _____

As classificações que preenchem corretamente, e respectivamente, as lacunas do período acima são:

- a) quadras – alexandrinos – ABCBD – assimétricos – inexistente
- b) quintilhas – hendecassílabos – ABCDB – brancos – irregular
- c) quintetos – eneassílabos – ABCBD – livres – branca
- d) septilhas – decassílabos – ABCDB – irregulares – livre

39. Sobre os dois poemas, são feitas as seguintes afirmações:

- I. Os poemas apresentam uma visão aparentemente antagônica em relação à idealização amorosa. No poema 1, há exaltação ao sentimento amoroso, tido como algo inesperado e único. Enquanto que no poema 2, há a banalização da relação amorosa, retratada com rispidez pelo eu lírico.
- II. Apesar de não ser um dos exemplos da vertente condoreira, o poema **O Laço de fita** traz uma das constantes alegorias de Castro Alves, o embate entre estar cativo e o desejo de liberdade.
- III. Os versos do poema 1 compõem a lírica amorosa do poeta baiano e mantêm uma das grandes características da poesia romântica de Castro Alves, a sensualidade.

Estão corretas as afirmativas

- a) I e II apenas.
- b) I e III apenas.
- c) II e III apenas.
- d) I, II e III.

Leia os excertos abaixo.

(...) Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartimento de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. (...) Aprendemos a ler literatura do mesmo modo como aprendemos tudo mais, isto é, ninguém nasce sabendo ler literatura. Esse aprendizado pode ser bem ou malsucedido, dependendo da maneira como foi efetivado, mas não deixará de trazer consequências para a formação do leitor.

(COSSON, R. **Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2009.)

De fato, a leitura é jogo de espelhos, avanço espetacular. Reencontramos ao ler. Todo o saber – saber fixado, institucionalizado, saber móvel, vestígios e migalhas – trabalha o texto oferecido à decifração. Não há jamais compreensão autônoma, sentido constituído, imposto pelo livro em leitura. A *biblioteca* cultural serve tanto para escrever quanto para ler. Chega mesmo a ser, creio eu, a condição de possibilidade da construção do sentido.

(GOULEMOT, J.M. **Da leitura como produção de sentidos**. In CHARTIER, R. *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.)

Se uma obra literária é concebida como uma sucessão de ações sobre o entendimento de um leitor, então uma interpretação da obra pode ser uma história desse encontro, com seus altos e baixos: diversas convenções ou expectativas são postas em jogo, ligações são postuladas, e expectativas derrotadas ou confirmadas. Interpretar uma obra é contar uma história de leitura.

(CULLER, J. **Teoria Literária**: uma introdução. São Paulo: Becca, 1999.)

40. Os autores acima referenciados defendem ideias afins acerca da construção de sentido e do processo de formação do leitor literário.

Tais ideias rejeitam

- a) a herança cultural transmitida via cânone.
- b) o caráter formativo da literatura.
- c) a flexibilização dos modos de ler.
- d) o papel passivo do leitor.

